Da Planície Costeira ao Pediplano Central da Chapada Diamantina: Análise Taxonômica e Evolutiva do Relevo em Atividade de Campo

Cleiton Eduardo Brito de Carvalho Santos[1]
Rebecca Andrade Murta Conde[2]
Alisson Duarte Diniz[3]
Junia Kacenelenbogen Guimarães[4]

INTRODUÇÃO

A Geomorfologia, como ciência, tem o objetivo de explicar as formas da superfície terrestre que representam a topografia atual. Além disso, busca analisar os processos endógenos e exógenos que modelam o relevo ao longo do tempo, resultando em diferentes configurações da paisagem. Dessa forma, o estudo geomorfológico exige uma busca constante por explicações que permitam compreender os processos pretéritos e atuais responsáveis pela modelagem do relevo, bem como as relações entre o ambiente e a evolução das paisagens. O estado da Bahia é privilegiado para o estudo geomorfológico devido à diversidade morfoestrutural e climática que confere ao Estado uma grande variedade de unidades e modelados, que são estudados pela Geomorfologia. O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de trabalho de campo para o estudo da Geomorfologia que explore a diversidade geomorfológica presente na borda oriental do Estado.

ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo compreende um transecto de sentido E-W no Estado da Bahia, estendendo-se da Região Metropolitana de Salvador (RMS) até o setor oriental da Chapada Diamantina. O percurso abrange aproximadamente 496 km, englobando nove municípios: Salvador; Camaçari; Mata de São João; Amélia Rodrigues; Rafael Jambeiro; Itatim; Itaetê; Mucugê e Andaraí.

Topograficamente, o estudo percorre desde o nível do mar no Litoral Norte do Estado até altitudes superiores a 1.000 metros, na Serra do Sincorá.

Geologicamente, a área transita por domínios distintos: as coberturas sedimentares Quaternárias e o Grupo Barreiras no litoral; os sistemas de *horsts* e *grabens* da Bacia do Recôncavo; o embasamento cristalino do Cráton do São Francisco, inclusive apresentando zonas de sutura e colisão de blocos; e as sequências carbonáticas e siliciclásticas proterozoicas da Chapada Diamantina.

Do ponto de vista climático, do litoral para o interior, transita-se de um clima úmido a semi-árido, alcançando-se novamente na Chapada Diamantina um clima úmido a subúmido.

Ao longo do trajeto, observa-se uma distribuição pedológica diretamente relacionada às variações climáticas, geológicas e geomorfológicas da área estudada. Na faixa litorânea, observam-se solos desenvolvidos sobre depósitos quaternários, como os Neossolos Quartzarênicos e os Espodossolos. Nos Tabuleiros Costeiros e do Recôncavo são frequentes os Latossolos e Argissolos, cuja formação está associada à elevada umidade e à intensa atuação dos processos de intemperismo químico, além da gênese de Espodossolos e Cambissolos relacionados à tectônica

[1] Graduando do Curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus Federação/Ondina, Salvador-BA, cleitoneduardo2410@gmail.com.
[2] Graduanda do Curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus Federação/Ondina, Salvador-BA, rebeccaconde@ufba.br.
[3] Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus Federação/Ondina, Salvador-BA, alisson.diniz@ufba.br.
[4] Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus Federação/Ondina, Salvador-BA, jkg@ufba.br.

recente e ao entalhamento dessas antigas superfícies etchplanadas. Em contrapartida, nas áreas do Cráton do São Francisco, caracterizadas por extensas superfícies pediplanadas e condições semiáridas, predominam solos como Luvissolos, Chernossolos, Planossolos, Neossolos Litólicos e Cambissolos, refletindo a menor disponibilidade hídrica e as particularidades ambientais dessa região. No entanto, solos lateríticos são encontrados, o que denota condições paleoclimas úmidas e indícios de evolução do relevo por ecthplanação. Já na Chapada Diamantina, a diversidade de formas de relevo, altitude, litologia e diferenças climáticas favorece o desenvolvimento de diferentes classes de solos, conferindo à região uma elevada heterogeneidade pedológica em comparação às demais áreas percorridas. Apesar dessa diversidade, predominam os Neossolos Litólicos e Cambissolos, cuja ocorrência está associada aos terrenos mais declivosos e às áreas de afloramento rochoso. Por outro lado, em setores com vegetação mais densa e maior disponibilidade hídrica, são encontrados solos mais profundos e desenvolvidos, resultado de condições ambientais mais favoráveis aos processos de pedogênese e ao maior grau de intemperismo.

A distribuição da vegetação ao longo do trajeto também reflete diretamente as variações citadas acima, funcionando como um diagnóstico da paisagem. No litoral predominam áreas de Floresta Ombrófila e de vegetação pioneira de restinga e manguezal. À medida que se avança para o interior e a disponibilidade hídrica diminui, essas formações dão lugar às Florestas Estacionais, passando nas regiões mais áridas para a vegetação de Savana Estépica (Caatinga). Na Chapada Diamantina as condições topográficas, edáficas e climáticas favorecem novamente o desenvolvimento de uma vegetação mais densa, em um contexto de transição entre a Savana-estépica (Caatinga) e Savana (Cerrado), merecendo destaque também a vegetação de campos rupestres, nos afloramentos rochosos e as florestas estacionais semideciduais nos vales.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente proposta buscou abarcar a maior variedade de modelados e feições individualizadas, conforme o Manual Técnico de Geomorfologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2009) e a proposta de taxonomia do relevo de Ross (1992). Partiu-se do pressuposto que as propostas de Ross (1992) e do IBGE (2009) surgem como importantes ferramentas metodológicas para a compreensão do conhecimento geomorfológico. A classificação em táxons permite a organização do relevo em diferentes escalas, partindo dos domínios morfoestruturais e morfoesculturais (1º táxon e 2º táxon), passando pelos modelados e formas de relevo (3º táxon e 4º táxon), até alcançar as formas de relevo individualizadas como vertentes e feições erosivas (5º e 6º táxon).

Além do mapeamento e discussão das classes de relevo segundo Ross (1992) e IBGE (2009), a escolha dos pontos de parada baseou-se na possibilidade de observação dos modelados e feições passíveis de serem estudadas e pesquisadas pelos estudantes de graduação.

RESULTADOS

Três compartimentos do primeiro táxon são visitados no trabalho de campo: os Depósitos Sedimentares Quaternários, as Bacias e Coberturas Sedimentares Fanerozóicas e os Crátons.

Dentro do domínio morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Quaternários, as unidades de Planícies Costeiras são visitadas entre o percurso que compreende o município de Salvador e o Litoral Norte da Bahia. Nessa unidade, diversos modelados e formas de acumulação podem ser identificados em campo, como as planícies e terraços marinhos, fluviais e lagunares, os planos de inundação, as planícies eólicas e dunas. Além disso, também podem ser identificadas feições como os recifes, paleofalésias e paleo-leques aluviais. Essa visita também é uma ocasião para a discussão dos processos costeiros e do papel das variações do nível do mar na evolução da planície costeira.

Dentro do domínio morfoestrutural de Bacias e Coberturas Sedimentares Fanerozóicas, visita-se, ainda na região costeira, a unidade de Tabuleiros Costeiros, onde se observa o modelado de dissecação homogênea com topo tabular. Ainda dentro desse domínio morfoestrutural, uma segunda parada é realizada na região Baixada do Recôncavo, dentro da bacia sedimentar do Recôncavo, onde mais uma vez é possível observar o modelado de dissecação homogênea com

topo tabular, mas agora dentro da unidade de Depressão. Além disso, é possível visualizar uma escarpa de falha. É ocasião também para se discutir a formação do Oceano Atlântico e a evolução do relevo de margem passiva que se desenvolveu desde então.

No domínio dos Crátons, mais especificamente no Cráton do São Francisco, o percurso do campo transita pelas unidades de depressão (Pediplano do Médio Paraguaçu), patamar (Patamar de Utinga), serra (Serra do Sincorá) e planalto (Pediplano Central da Chapada Diamantina), os três últimos já dentro da Chapada Diamantina.

No Pediplano do Médio Paraguaçu é possível observar o modelado de aplainamento, correlacionando sua preservação ao clima semi-árido. Na mesma parada é possível observar e discutir a origem dos inselbergues. Também é ocasião para a discussão do escalonamento das superfícies de aplainamento presentes na margem leste da Bahia a partir das diferentes teorias geomorfológicas.

No Patamar de Utinga, adentra-se no domínio cárstico da Chapada Diamantina, passando a discutir então o modelado de dissolução. A região é visitada em dois pontos: Lapa do Bode, onde é possível discutir o endocarste, e Poço Encantado, onde se discute o exocarste, em especial, a feição de dolina. Também é ocasião para se discutir a origem da Chapada Diamantina - um aulacógeno preenchido por rochas sedimentares posteriormente metamorfizadas.

Na Serra do Sincorá, é possível observar o modelado dissecado estrutural com topos tabulares. O controle estrutural é associado ao dobramento de baixa intensidade das rochas e é ocasião para a discussão da evolução do relevo em rochas dobradas.

Por fim, no Planalto de Mucugê, mais uma vez observa-se o modelado de aplainamento. Nessa região são discutidos a evolução do relevo por etchplanação, relevo Jurássico e Apalachiano, além da relação entre o uso e ocupação das terras com os processos e formas de relevo. Em Andaraí os processos relacionados à geomorfologia fluvial são discutidos e tipos de leitos de rio são observados e diferenciados.

Ainda na Chapada Diamantina pode-se visitar e discutir a origem do Pantanal de Marimbus, extensa área úmida, cujo represamento hídrico foi intensificado pelo assoreamento histórico derivado do garimpo na Serra do Sincorá; ocasião em que é possível discutir a influência antrópica na gênese atual do relevo. Também, nessa área, podem ser discutidos os processos de ampliação das zonas úmidas por processos geoquímicos e a influência dos leques aluviais na origem de formas de relevo de acumulação.

Dentre as feições que podem ser observadas em campo na Chapada Diamantina destacam-se os leques aluviais, gargantas, canyons, bordas de anticlinais esvaziadas, rampas de tálus, além de campos de murundus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de campo é uma importante ferramenta para a compreensão dos conceitos de Geomorfologia. A aplicação da classificação do IBGE (2009) em campo é um exercício metodológico que auxilia não só na compreensão da própria taxonomia, mas também para a compreensão das múltiplas escalas da paisagem e dos papeis do controle morfoestrutural e climático na configuração do relevo.

Além disso, o percurso proposto, por transitar por diferentes domínios morfoestruturais, contribui para a discussão dos grandes eventos tectônicos ocorridos no Brasil desde o Arqueano até o presente.

Por fim, a possibilidade de transitar por diferentes gerações de superfícies de aplainamento, contribui para a compreensão da evolução do relevo em margem passiva e o papel das teorias geomorfológicas na evolução do relevo.

Como conclusão, este estudo reafirma a necessidade de práticas pedagógicas que conectem o clima, a geologia, a pedologia e a geomorfologia de forma interdisciplinar. Em suma, a atividade de campo não apenas valida o conhecimento acadêmico, mas também fomenta a autonomia intelectual necessária para a leitura e interpretação da complexa evolução da superfície terrestre no território baiano.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico de geomorfologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 178 p. (Manuais técnicos em geociências, n. 5).

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. O Registro Cartográfico dos Fatos Geomorfológicos e a Questão da Taxonomia do Relevo. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 6, n.1, p.17-29, 1992.